



os
três
da
vida
airada

Em menos de uma década, foram promovidos de banda punk foleira a líderes de hinos de estádio. Em 1986, sem apelo nem anúncio, puseram um ponto final num caminho que envolveu ofensas verbais, drogas, lutas de poder e egos grandes demais. Vinte anos depois, estes três indivíduos complicados estão de volta – Portugal recebe-os no próximo dia 25. **Texto de Phil Sutcliffe**



Soundcheck. Já não falta muito: o concerto de regresso está a três horas de distância. Não parecem nervosos. Mesmo quando as suas caras aparecem em enormes planos fechados, nos ecrãs por cima deles.

Mesmo quando hoje, 28 de Maio de 2007, na arena de hóquei GM Place em Vancouver, é o dia do seu primeiro concerto em mais de 20 anos – depois de se terem separado no meio de muita discórdia e confusão. Falam uns com os outros através dos microfones, olhando-se nos olhos com muita atenção, enquanto a sua conversa íntima ecoa pelos muitos lugares vazios.

Parece ser uma forma civilizada de resolver problemas. «Isto tem mais para dar do que estamos a conseguir tirar», diz Stewart Copeland após um minuto ou dois de «The Bed's Too Big Without You». «É porreiro quando improvisamos nesta», diz Andy Summers. Os outros assentem com a cabeça. Sting conclui: «é algo que podemos ensaiar e melhorar». Dão um abraço e afastam-se.

O relógio marca 20h30, quando o público – de mais de 20 mil pessoas – se levanta como um só e solta um enorme rugido de bem-vindos de volta: sem preocupações, sem dúvidas, sem ligar muito à minúcia musical. «Message In A Bottle»... «Yaaaaaaaay!» Milhares de mãos erguem-se como se fosse o Estádio da Luz e Rui Costa tivesse marcado o golo da vitória no último minuto. É isto que acontece quando um regresso acerta em cheio – déjà vu e um jogo inteiramente novo.

O público aplaude até quando a banda se lança em contrapontos improvisados das suas melodias pop arrebatadoras. Aqueles momentos de (des)construção típicos dos Police, em que a banda se entreolha em especulação, como que a perguntar «em que canção íamos antes de me perder a tocar isto?». Prova, se necessária fosse, que os Police não foram a maior banda do mundo, nos anos 80, por serem meninos. Chegaram ao topo por se afirmarem como três indivíduos complicados, lutando pelo sucesso, pela sua música, entre si; uma banda quase fora de controle, impossível de suster.

O imprevisível caos

Na manhã seguinte, no hotel da banda, Sting parece tenso, quase chocado com o que lhe está a acontecer. O seu rosto aceitou a meia-idade – adoptando um look esculpido. Possuído de uma quietude física dominadora, fala com uma consideração tranquila. «Toda a gente se divertiu imenso», diz, «mas eu estava a divertir-me e a pensar, “oh meu Deus, nota errada”... “isto precisa de mais ensaios”. Isto é o meu trabalho. Isto sou eu. Ao longo da minha carreira a solo tenho pensado



“O que as miúdas têm com os Police é sexualidade verdadeira. Os Bay City Rollers eram masturbação, beijos rápidos. Com os Police pode-se mesmo ser fodido”. Sting, em 1981

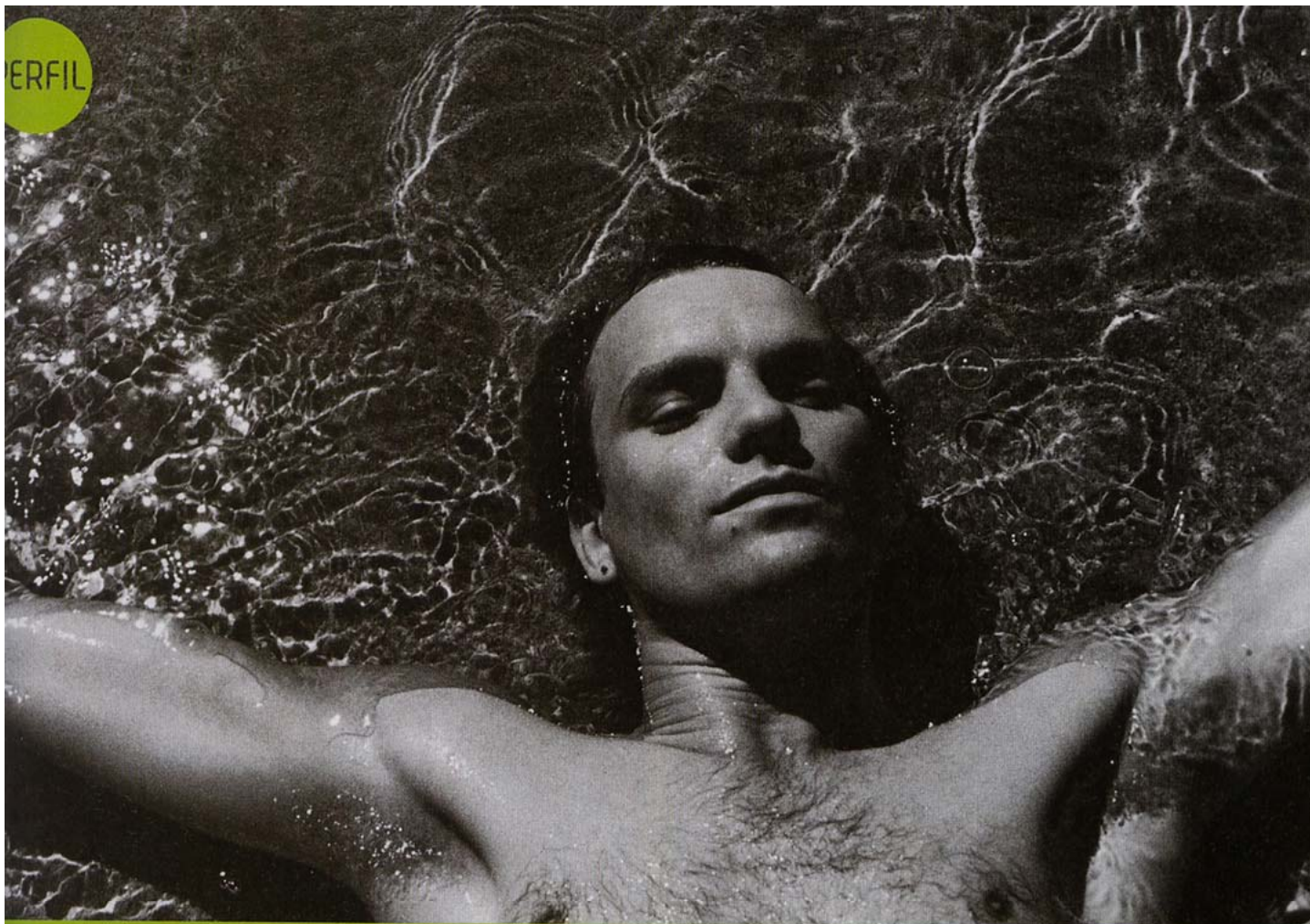
“tenho de ser perfeito, tenho de ter tudo sob controle”. E agora não posso ser. Mas sei que as pessoas adoram isto, esta vertente humana, caótica, quando comparada às notas perfeitas do mundo-Sting. E estou a aprender a lidar com isso. O Stewart é um baterista óptimo, mas completamente imprevisível...».

Num restaurante grego ali perto, o baterista imprevisível brilha. Liguem-se a Stewart Copeland e poderão dar luz a uma pequena cidade. Ele foi sempre assim – as

palavras e as batidas demasiado aceleradas, sabedoria e opiniões sobre tudo e mais alguma coisa. «Em algumas daquelas canções, as improvisações foram 20 vezes mais compridas do que pretendíamos – e isso é que é a cena a sério», diz. «Algumas das nossas discussões mais sérias foram sobre este assunto. Não sei o que vou tocar!»

«Aqui está o problema: para o Sting, a música é uma religião; para mim, é um prazer», continua. «Para ele, é algo que construímos; para mim, é algo que sentimos e tocamos sem pensar. A minha filosofia actual é acordar todos os dias a dizer “dar ao Sting o que ele quer”. E ele quer uma pequena mudança no que toco em “Don’t Stand So Close To Me”. Então, no palco, estamos a chegar a essa parte e a minha consciência está a dizer “vou tocar o que o Sting quer!”. Mas, ups, a minha mão tocou o que ele não quer. O que se há-de fazer?».

«O Stewart e eu somos opostos polares», diz Sting. «Mas isso é uma dádiva. Tenho de empatizar, tenho de dominar... improvisação e controle. Também quero ser espontâneo, quero voar numa nuvem alegre em torno da banda, mas preciso que o chão sob os meus



dentro da banda, ergue uma sobranceira e convoca reforços dos seus estudos de Zen e Karl Jung. «Às vezes», diz, «temos de chegar a um ponto onde dizemos uns aos outros, "és uma merda e não sabes tocar". Depois começamos a rir e fica tudo bem. Precisamos de uma abordagem estilo Buda – senão isto dá cabo de nós. A minha atitude é ser gentil com o Sting e o Stewart, tento servir as suas necessidades. Ao mesmo tempo, estou a arcar com uma parte tão grande da música que tenho de ser muito decidido. Não acho que o Sting tenha sempre razão, mas confio no seu sentido musical inato; por isso posso dizer, "OK, aceita lá isto, mantém-no feliz por enquanto". Porque ele vai perceber o que está errado. E percebe».

No Outono passado, quando Sting considerou uma reunião dos Police pela primeira vez, passou algum tempo a dizer a si mesmo que devia estar a enlouquecer. Mas rejeitou esse pessimismo. «Tenho bons instintos», diz, «quando os sigo».

O primeiro dia

5 de Dezembro de 1976. «Mil libras? Vocês não valem tanto», diz o puto magrinho com uma barba e um livro de cheques. Sonja Kristina e Stewart Copeland fitam-no, cansados. A sua banda, os Curved Air,

"Depois de 30 anos, mal conheço o Sting. Mas vê-lo com o Andy, a criatividade a fluir, esta corrente de musicalidade visceral – é inspirador".

Stewart Copeland

acabou de dar um ótimo concerto para os estudantes do Newcastle Polytechnic. E aqui está este tipo insignificante a dizer que o concerto não prestou. Ao lado deles no camarim, sinto-me envergonhado e com pena deles. Ainda mais porque acabam de me dizer que estão falidos e, após seis anos, vão colocar um ponto final no grupo.

Como homem da revista Sounds, conheço bem Kristina e Copeland, o seu namorado e baterista, e eles perguntam-me se os posso levar a um concerto local – talvez os distraia dos seus problemas. Por sorte, a minha banda preferida de Newcastle toca nessa noite – jazz-rock cheio de alma, repertório fantástico.

Peter Green, Return To Forever – escrevem uma canção nova todas as semanas, por isso, o alinhamento está sempre a mudar...

Os Last Exit estão a tocar na cantina de St. Mary's, uma escola de formação de professores. Enquanto entramos e nos colocamos no fundo da sala estão a tocar uma peça para piano do Horace Silver. Não há palco, as luzes estão acesas, a banda está num dos lados, entre as mesas. O baixista, Gordon Sumner – que já é Sting há dois anos – tem barba e um macacão. Começa a cantar «Ain't No Sunshine», de Bill Withers. Cerca de uma centena de estudantes param de falar, escutam, e depois soltam berros de aprovação. Ele sorri, agradece e prossegue com uma das suas canções, «I Burn For You» – romântica, lenta; Sting imóvel, olhar em frente. Toda a gente está imóvel. Até Copeland e Kristina parecem vagamente interessados. Mas o que estão a pensar, virei a saber mais tarde, é: Stewart – «Mmmm, ele tem qualquer coisa. E eu preciso de um baixista»; Sonja – «Consigno vê-lo num estádio».

Quando a banda faz um intervalo, apresento-os. Segue-se o que parece ser uma conversa aleatória. Estou a pensar, sem qualquer noção do futuro, em como formam um par estranho: Sting, filho de um leiteiro de Wallsend, Copeland, filho de um

Sting

Ele é o senhor sexo tântrico, o senhor ambiente e o senhor fidelidade. E faz música.

As más línguas dizem que só foi genial quando havia mais dois comparsas a trabalhar, um de cada lado. Mas que tem talento para vender discos, ninguém pode negá-lo – 16 milhões de rodela só nos Estados Unidos. E se é verdade que, a dada altura da sua experiência «global», Sting cedeu o epíteto de Sr. Mundo a Bono Vox para abraçar a causa do sexo tântrico (ele diz, porém, que foi uma anedota que tomou proporções exageradas), outras maravilhas deste admirável planeta verde não lhe são estranhas: é conhecido o seu apoio à não classificação da cannabis enquanto droga de risco.

Nascido em Newcastle (Inglaterra) a 2 de Outubro de 1951, Gordon Matthew Thomas Sumner tornou-se cantor, baixista e principal compositor dos Police em 1977. A educação católica advém-lhe da ascendência irlandesa; a inspiração musical, do hábito de frequentar clubes desde cedo (luxos pagos por trabalhos como a condução de autocarros ou a cobrança de

impostos). Jimi Hendrix passou-lhe pelos olhos, no final dos anos 60; a derivação para o baixo deu-se em bandas jazz locais. Quando os Police se despediram, em 1984, Sting encetou uma duradoura carreira a solo plena de êxitos radiofónicos e a piscar o olho a terras americanas. Foi dos primeiros artistas «globais» a defender a causa ambiental, envolvendo-se em múltiplas iniciativas humanitárias. O seu envolvimento na preservação de Amazónia (que culminou na criação da fundação Rainforest) fez capas de jornais. Pormenor sinistro: o cantor não foi ao funeral dos seus pais, ambos falecidos em 1987, vítimas de cancro; alegou que o alarido mediático seria desrespeitoso para com a memória dos progenitores. Sting tem seis filhos de duas mulheres, estando casado com a produtora Trudie Styler desde 1982. Joseph (ou Joe), de 30 anos, seguiu o caminho do pai e tem a sua própria banda, Fiction Plane, que abrirá as hostilidades no Estádio Nacional. LG

americano perito em espionagem política, co-fundador da CIA. O que Sting recorda na autobiografia, *Broken Music*, é: «não consigo evitar pensar que o Stewart me está a avaliar. Diz-me para lhe telefonar se for a Londres. Sinto-me honrado mas reparo que não estende o convite ao resto da banda...».

Os Curved Air tocam o seu concerto de despedida em Londres, antes do Natal. Os Last Exit, entretanto, preparam-se para a sua própria despedida – de Newcastle. São os maiores na sua cidade-natal mas não conseguem um contrato com uma editora. As maquetas e os showcases ocasionais e quase vazios que tocam em Londres não funcionam. Embora os talentos de Sting como compositor lhes tenham valido um contrato de publishing com Carol Wilson, da Virgin, até esta editora os rejeitou. Portanto, decidem que têm de mudar-se para Londres.

Sting está determinado. Embora tenha casado recentemente com a actriz Frances Tomelty e tenham um filho, Joe, com apenas algumas semanas, desistiu do seu trabalho como professor primário. Entrevisto-o para a Sounds, acerca dos desafios de uma banda desconhecida que vem «da terrinha», e ele diz: «a banda é mais importante que a segurança. Quanto pior a situação económica, mais heróica se torna esta odisséia. Mas não

*“É disto que as bandas
são feitas: conflito,
desejo, traição e
estratêgias que fariam o
orgulho de Maquiavel”.*

Andy Summers

mudava isto – prefiro estar nos Last Exit neste momento do que nos Stones ou até nos Yes».

Fascinados pelo punk, Copeland e Kristina assombravam o Roxy e o Vortex desde o Outono. Olhando para lá dos Curved Air, Copeland tinha criado na sua guitarra algumas canções curtas e rápidas, e queria uma banda nova. Em Janeiro, telefonou-me para Newcastle e pediu-me o número de Sting. Falaram brevemente e Sting disse que talvez se pudessem encontrar em Londres.

Três homens e um bebé

A 6 de Janeiro de 1977 os Last Exit tocam o seu concerto de despedida no bar do University Theatre. Duas noites depois, Sting e Frances encham o seu Citroën Dyane com

dois sacos de roupa, duas guitarras e uma cadeira de baloiço. «É tudo o que temos», escreve em *Broken Music*, «mas estamos felizes... Sinto que a minha vida real está apenas a começar». Além dessa «vida real», recorda-se dos seus sonhos com precisão: «ser reconhecido como alguém único, definido pela minha voz, pelo meu talento enquanto compositor, que o mundo conheça as minhas canções como conheceram e reconheceram as canções dos Beatles».

Enquanto a família de Sting deu início à sua vida em Londres a dormir no chão do apartamento de um amigo, os outros membros dos Last Exit, fora o melhor amigo de Sting, o teclista Gerry Richardson, atrasaram a sua partida de Newcastle. Sting continuou e passou todo o dia à procura de um apartamento, sem sucesso. Em uma semana tinha telefonado a Copeland, passado pelo apartamento em Mayfair que este partilhava com Kristina e combinado regressar para uma «jam» com um novo amigo guitarrista, Henry Padovani, um punk da Córsega. Embora Padovani mal soubesse tocar um acorde – a sua melhor credencial, naqueles tempos –, os dois prepararam-se cuidadosamente para o primeiro teste de Sting com The Police (Copeland tinha o nome desde o início). Vestiram cabedal e puseram óculos escuros, diz Padovani, «e quando Sting chegou com o bebé numa alcofa, tínhamos adoptado a pose de rockers perigosos, silenciosos e mal-humorados. O Sting tinha um macacão vestido. Deve ter pensado que parecíamos uns idiotas».

Quando Copeland lhe mostrou algumas canções, Sting sentiu-se «musicalmente aterrorizado». Mas gostou dos dois músicos – e, como agora recorda, viu a oportunidade para «explorar» a energia de Copeland para a sua obsessão mais reservada. Portanto foi na onda. Em breve, os Police tornaram-se a sua única esperança, por mais patética que fosse. Carol Wilson admitiu que tinha tentado todas as editoras em nome dos Last Exit – sem resultados. Numa questão de semanas, a banda dissolveu-se, deixando Sting e Richardson à deriva na capital.

Enquanto Richardson tocava piano num bar de strip – até escapar através de um emprego com Billy Ocean –, Sting começou a mostrar a Copeland as suas canções, êxitos pop de Newcastle. «O Stewart mandava-o parar de cada vez que ele fazia isso», ri-se Padovani. «Sting, não percebes. Escreve qualquer coisa tipo 'O meu emprego é um monte de merda e vou partir aquilo tudo!' Isso podemos tocar». O Sting fervia por dentro e depois tocava ao triplo da sua velocidade normal. O Stewart adorava.

Sting fez algumas tentativas razoáveis de adoptar a nova linguagem: «Landlord», «Dead End Job», «Vision of the Night». Mas tudo o que faziam era ensaiar. Sem concertos. Sem dinheiro. Eram uma falsa banda punk mas viviam vidas verdadeiramente

punk: Copeland e Kristina limpavam casas, cobrando cinco libras por manhã. No entanto, estavam todos mais preocupados com Sting e a sua família. «O bebé devia estar constantemente nos pensamentos dele», diz Padovani. «Estava assustado com o dinheiro. Raramente saía e, quando eu ia a casa dele, levava comida para deixar no frigorífico».

Finalmente, Miles, o irmão de Stewart e ex-manager dos Curved Air, conseguiu-lhes alguns concertos. Estando ele próprio temporariamente arruinado, marcou uma digressão inglesa para Cherry Vanilla, uma cantora punk de Nova Iorque. Quando viram que ela não tinha dinheiro para trazer a sua secção de ritmo, ele disse que conhecia as pessoas certas para o lugar – a 15 libras por noite. Copeland e Sting tocaram com ela em vários concertos até ao início do Verão, com os Police revelados como banda de apoio. Tocaram o seu primeiro concerto de sempre a 1 de Março no Newport Stowaway: 10 canções em 17 minutos, com Padovani a tocar ao calhas. O público percebeu a falsa postura punk e recusou-lhes sequer o crédito de uma boa cuspidela. Mesmo assim, em Maio lançaram um single, «Fall Out», pelo selo de Miles, a Illegal. Stewart pediu dinheiro emprestado, arranjou a prensagem, desenhou a capa, carregou caixas de discos para as lojas. E o nome da banda e o logotipo com as algemas parecia estar por Londres inteira, em «stencils» ou posters – não devido a qualquer seguimento de culto mas porque Copeland e Padovani saíam todas as noites às três da manhã com tinta e baldes de cola.

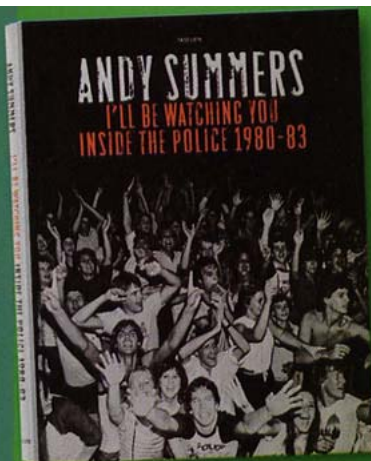
Padovani diz que foi só uma questão de «o Stewart e eu pensarmos, “como raios vamos manter o Sting na banda?”». E, embora Sting denunciasse a sua música como «lixo! Uma piada!», apreciava o espírito da banda e a paixão e talento empreendedor de Copeland.

Summers OK, Padovani KO

Nesse mesmo mês uma oportunidade diferente colocou pressão sobre a unidade do trio – pressão musical. O namorado de Carol Wilson, Mike Howlett, ex-baixista dos Gong e mais tarde produtor, chamou Sting e Copeland e propôs-lhes que formassem uma nova banda, os Strontium 90 – inicialmente para uma reunião dos Gong em Paris, que incluía inúmeros ex-membros a tocarem com as suas bandas actuais. Howlett levou consigo um guitarrista, Andy Summers, dos Zoot Money e Soft Machine, um veterano dos anos 60, então em digressão com Kevin Ayers.

Entre todo o ambiente hippie espacial do concerto dos Gong no Circus Hippodrome de Paris, a 28 de Maio, as melodias rock dos Strontium 90 de Howlett atraíram atenções. Mas ninguém viu, na primeira aparição conjunta de Sting, Copeland e Summers, um momento histórico. Exceptuando talvez o próprio guitarrista...

Na manhã seguinte, Summers encurralou Sting ao pequeno-almoço e disse, «parece-



Casos de polícia

As memórias escritas e visuais de Andy Summers. Stewart Copeland de câmara na mão. Sting na primeira pessoa. Tudo o que você queria ter em casa, além da música.

TEM A CHANCELA DA TASCHEN e chegou ao mercado no início do Verão, em versão numerada e assinada pelo autor, a troco de uns módicos 350 euros. A boa notícia é que existe agora uma versão para bolsos menos afortunados, e que – em termos de conteúdo propriamente dito – não tem menos do que a outra. *I'll Be Watching You: Inside The Police 1980-83* é o retrato completo dos Police no topo de forma, captado pelo fotógrafo de serviço da banda que, curiosamente, era também o seu guitarrista: Andy Summers. São mais de 600 imagens, intercaladas com entradas de diário, um documento indispensável para conhecer por dentro uma banda em viagem pelo mundo, a fazer jus à clássica trilogia sexo, drogas & rock'n'roll.

Elogiada por estudiosos da literatura rock, a biografia de Andy Summers (antes, durante e depois dos Police) é também um item imprescindível. *One Train Later: A Memoir* (Portrait, 2006) passa em revista as relações por vezes cruéis entre os três Police, sendo considerado um dos melhores documentos já escritos sobre a vida dentro de uma banda rock.

Broken Music – As Minhas Memórias (Bizâncio, 2005), a biografia de Sting, não goza do mesmo prestígio. Registro de «momentos específicos», começa no Hotel Copacabana, Rio de Janeiro, no Inverno de 1987, para viajar até à infância ou à relação com os pais, cingindo por vezes os Police a uma questão de batalhas legais. Exclusivamente para fãs. De câmara Super 8 na mão, o baterista Stewart Copeland apresenta mais uma

-me que me devia juntar aos Police». Depois puxou Copeland para um café, em Londres, e aplicou-lhe o mesmo tratamento. Embora, como afirma agora, não fizesse sentido. «Pensei: esta banda não é nada, as canções são merdosas, porque queria fazer isto? Eu, um tipo que tinha valores burgueses – como querer saber tocar a merda de um instrumento. Era ridículo, não era?». No entanto, gostava da voz de Sting e da «motivação absolutamente fanática» de Copeland. Continuou a insistir até Copeland e Sting se renderem, embora o tenham avisado que ele não ia gostar.

Contaram a Howlett que lhe tinham roubado a banda e ele aceitou o facto «como um cavalheiro». Um mês depois, os Police, com Padovani e Summers, deram o seu primeiro concerto no Music Machine, em Londres, a 25 de Julho. A seguir, segundo Copeland, Summers lançou o «olhar da morte» sobre Padovani, cuja incompetência não suportava. Duas semanas depois, após uma sessão de estúdio fútil, com John Cale na produção, concordaram que o querido amigo Padovani tinha de sair. Sting comunicou-lhe isto, cara a cara. Aceitou com ressentimentos breves e generosidade a longo prazo: «se o Andy não tivesse aparecido a banda acabava», diz. Mas Copeland temeu que tivessem dado cabo da hipótese de serem «cool».

Summers, que lhes entregou o que tinha ganho com Kevin Ayers como prova de boa fé, ainda explode com a ideia instalada de que foi um «sacana cruel que forçou a saída do Henry, como se o resto das pessoas fossem inocentes». Insiste que «é disto que as bandas são feitas: conflito, desejo, traição e estratégias que fariam o orgulho de Maquiavel». Na verdade, tinha reconhecido uma ansiedade urgente dentro de si: sabia que tinha pouco tempo para moldar a sua vida musical. «Vi que podia continuar para sempre a ser um bom músico de apoio, mas dentro de mim a necessidade mais forte é a de ser um artista e um músico supremo. No que me diz respeito, a banda só começou quando me juntei a eles».

E foi o que pareceu quando o novo trio deu o primeiro concerto. Sting diz que no Rebecca's, em Birmingham, a 18 de Agosto, «através de desespero, pânico e, suponho, carácter, conseguimos libertarmo-nos das dúvidas e falta de confiança – e a partir da primeira música começámos a tocar com uma energia incansável... O público, hesitante ao início, começou a passar-se».

Durante algum tempo mantiveram-se numa lua-de-mel com Andy Summers. Como este recorda na sua autobiografia, *One Train Later*, tornou-se brevemente a força condutora e a fonte do entusiasmo da banda: «dando tudo o que tenho, exijo mais, busco a excelência musical nem que seja por um único concerto. O Sting não diz nada mas vê um novo conjunto de possibilidades – e as sementes estão plantadas». Entretanto, Sting